

TRANSFORMAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS: uma análise simbólica nos casais mitológicos.

Ana Paula Campos Marinho
Durval Luiz de Faria
Ísis Fabiana de Souza Oliveira
Leonardo Sardinha
Luiz Fernando Gomes Corazza
Patrícia Cristina De Conti
Sílvia Regina Conti

Introdução:

Nas narrativas mitológicas que serão apresentadas encontramos aspectos importantes que retratam as transformações que acontecem tanto no relacionamento em si quanto em cada um dos parceiros, uma vez que, conforme aponta Jung, todo relacionamento pode colaborar significativamente para o processo de individuação, pois oferece oportunidade de desenvolvimento, transformação e crescimento.

Este trabalho teve como objetivo fazer uma aproximação entre alguns aspectos das uniões amorosas com as histórias de casais mitológicos presentes nas culturas brasileira, escandinava, egípcia e hindu e por meio da amplificação simbólica desses mitos, refletir sobre as transformações nos relacionamentos amorosos e em cada um dos parceiros, a partir do referencial da psicologia analítica.

Mitologia Hindu:

Casal Saraswati e Brahma

Brahma é o deus da criação, da vontade e forma criadora de todo o universo. Representado por quatro cabeças e oito braços. Saraswati é a consciência, a criatividade, a iluminação, a eloquência, o conhecimento da iluminação, do transcendente necessário para alcançar o moksha, que em termos gerais

significa a dissolução do senso de ser individual ou também a iluminação espiritual.

Nas diversas narrativas mitológicas sobre esse casal, um ponto em comum, é que Saraswati nasce de Brahma. Depois do seu nascimento, Brahma é tomado de forte desejo por ela, no entanto temendo essa paixão e a atenção focada e unilateral de Brahma ela foge. Conforme ela fugia vão surgindo as cinco cabeças de Brahma, até que por fim ela aceita se casar com ele e ajuda-o a criar o mundo. Dessa união também surgirá Manu, criador da humanidade. A união de Brahma com Saraswati representa o Brahman. Brahman é um termo do hinduísmo que designa o princípio divino que liberta do ciclo do sofrimento.

Pode-se relacionar o estado inicial desse relacionamento, ou seja, a paixão de Brahma por Saraswati, com a imagem simbólica do estado urobórico (Neumann,1990), um estado de indiferenciação inicial, de amálgama ou simbiose entre os parceiros, na qual seria necessária a separação para o surgimento de uma consciência maior de si, do outro e da relação. A fuga de Saraswati, segundo momento do relacionamento, poderia ser entendida também como o necessário distanciamento que traz a possibilidade da multiplicidade das faces e da ampliação da consciência, em contraponto ao foco unilateral indiferenciado que aterroriza e promove os estados de simbiose e indiferenciação, relacionada a uma das compreensões simbólicas do risco de incesto (Jung, 1912b). Em outras palavras, este é um dos riscos das relações nas quais dois buscam uma confluência para serem apenas um.

Outra possibilidade seria associar Brahma ao patriarcado e ao masculino onipotente, de subjugação do feminino. Por mais que traga o aspecto da potência e da criação, ele procura realizar a sua vontade a qualquer preço, contra tudo ou todos, remetendo também às relações medidas por poder e indiferenciação. A possibilidade criativa surge quando há a diferenciação, a relação complementar e a dialética estabelecida quando há a aceitação de Saraswati ao pedido de Brahma, que e não mais somente sua imposição. Brahma é a forma, o direcionamento, a estrutura, Saraswati é o conhecimento, o sentido, a fluidez e a flexibilidade. Desta maneira ambos se complementariam.

Mitologia Egípcia:

Casal Nut - deusa Céu e Geb - deus Terra.

Nut e Geb são irmãos e amantes apaixonados e por isso são separados pelo pai Shu a mando do avô Áton. Todavia, à noite, Nut consegue se aproximar o suficiente de Geb para que se toquem sexualmente. Nut engravida e o casal têm cinco filhos: Osíris, Hathor, Seth, Ísis e Néftis.

Observando o mito, é possível perceber que a comunhão apaixonada de Nut e Geb fazia com que o casal se encontrasse em estado indiferenciado, sendo os dois uma coisa só. No mito, o casal está em união simbiótica e a energia sexual entre eles é intensa. É preciso a intervenção do deus Sol, símbolo do paterno, da energia masculina, da razão e, por sua vez, da consciência para que a separação entre “eu-tu” na relação entre o casal de irmãos-amantes possa acontecer.

A interdição paterna exercida por Áton é similar, na mitologia grego-romana, à de Crono-Saturno que, de acordo com Faria (2006), ao separar os pais Urano e Geia, masculino e feminino primordiais, inaugura o campo da consciência com suas limitações. Ainda sobre a atuação paterna de Crono, análoga à Áton, Faria (2006) expõe a interdição paterna de Crono em alusão ao desenvolvimento da personalidade individual, trazendo a necessidade de separação entre ego e inconsciente. Essa mesma conceituação pode ser atribuída à dinâmica conjugal e conseqüente desenvolvimento da consciência de cada um.

Na fase posterior da relação do casal Nut e Geb, o amadurecimento proveniente da percepção das suas personalidades individuais e dinamização da libido geraram frutos que, no entanto, por conta da proibição de Áton, parecem ainda não estarem prontos para emergir a luz da consciência.

Mitologia Escandinava

A saga Volsung – Aqui não temos especificamente um casal, mas uma relação conflituosa e cheia de trapaças entre quatro pessoas.

Entre os povos germânicos e escandinavos desenvolveu-se um rico acervo mitológico, no qual as batalhas ocupavam uma posição de prestígio.

Em algumas variações do mito, Siegfried derrota o dragão guardião de um grande tesouro que continha artefatos mágicos e para um castelo na Burgúndia. No castelo, o herói conhece Cremilda, irmã do rei Gunther, pela qual se apaixona e pede sua mão em casamento. O rei propõe então, que em troca da mão de sua irmã Siegfried o auxilie a também conquistar uma companheira. A escolhida por Gunther foi Brunhilde, a rainha guerreira, que apenas se casaria com o guerreiro que a vencesse em combate. Gunther trapaceia e vence Brunhilde com auxílio de Siegfried. Com o passar do tempo e com a convivência Brunhilde percebe os comportamentos estranhos do seu parceiro. Esses comportamentos não condiziam com as expectativas que Brunhilde tinha a respeito de um parceiro.

A verdade sobre o combate vem a tona e Brunhilde, não podendo suportar a frustração e raiva de não se casar com o parceiro dos seus sonhos (no caso Siegfried), convence Gunther a assassinar Siegfried. Gunther e Siegfried se matam em um duelo. Brunhilde mesmo vendo os dois guerreiros mortos, não consegue lidar com a frustração e comete suicídio. Cremilda percebe que seu amado Siegfried está morto e se debruça em seu sangue, banhando-se, e ganhando os artefatos do guerreiro amado. Assim, ela deixa de ser uma donzela passiva e calma e desperta as qualidades de guerreira que estavam adormecidas.

A vivência dessa disputa pode ser interpretada como a busca pelo desenvolvimento proporcionado pelos conflitos e negociações vividos em um relacionamento.

Siegfried é o herói potente que encontra na companheira, Cremilda, a passividade, aspecto que lhe é inconsciente e que pode ser integrado pela anima. Analogamente, aspectos potentes do animus de Cremilda, Analogamente, aspectos potentes do animus de Cremilda,

Já, Brunhilde encontrou em Siegfried características que a permitiram projetar seu animus no herói. Brunhilde procurava por um parceiro de habilidade igual ou superior à sua, com o qual poderia conviver nas negociações, embates e frustrações de um relacionamento. Ou seja, alguém que pudesse sobreviver às condições e desafios presentes permitindo o desenvolvimento da relação. A tentativa da guerreira em estabelecer garantias e viver em um relacionamento que contivesse diálogo e negociação falhou, ao descobrir que seu relacionamento era baseado em uma trapaça, e a heroína decidiu tirar sua própria vida a sofrer a possibilidade de novas frustrações em outro encontro amoroso.

Mitologia Brasileira:

Xangô e suas esposas Obá, Oxum e Oyá

Considera-se aqui que as histórias dos orixás fazem alusão à mitologia brasileira visto que, em um país miscigenado como o Brasil, as referências encontradas em literatura sempre aparecem mescladas com o folclore brasileiro, lendas indígenas, heranças portuguesas ou de outras culturas.

Xangô é o orixá da lei e da justiça. Implacável, seguia punindo com rigor dentro das leis estabelecidas. Conhece Obá, orixá mais velha e experiente, que o ensina como lidar com as emoções, nela projeta a figura arquetípica da Grande Mãe. Confrontada a projeção da Grande Mãe, ele sai em busca de novas aventuras. Encontra Oxum, princesa bela e doce, com a qual inicia um relacionamento baseado no encantamento pelo sexo oposto, nela projeta a alma. Confrontada a projeção de alma, o relacionamento não se sustenta. Inicia uma relação com Oyá, guerreira da liberdade, que permite a construção de um amor baseado na complementaridade.

Por ser o orixá da lei e da justiça, Xangô aplicava sua justiça, dentro das leis estabelecidas, cega e dura, representante de um patriarcalismo polarizado que não abre espaço para a emoção e o acolhimento. Esta vivência polarizada indica posição defensiva às possibilidades de encontro consigo mesmo e com o outro, mantendo tais relações em uma superficialidade aparentemente

segura. Por isto, Xangô precisava mudar esse modo de aplicar a justiça, pois “nunca podemos compreender a justiça sem o amor. Justiça sem amor é tirania”.

Então, ainda jovem, Xangô se apaixona por uma mulher mais experiente, Obá, sendo relacionada simbolicamente com a preparação do ego para lidar com as emoções. A partir daí, a justiça de Xangô passa a ser mais compassiva e reflexiva. Com o tempo, a relação com Obá se desgasta e Xangô sai em busca de novas aventuras.

Xangô então se encanta por Oxum, apaixonando-se. O relacionamento desses dois orixás se desenvolve a partir de uma sexualidade extraordinária, na qual o impulso vital está a procura de algo novo e de diferentes caminhos, transformando-se no meio pelo qual a vida explora as fronteiras do impossível. Nesse sentido, o envolvimento entre os dois é a própria projeção da anima por parte de Xangô, num ideal inconsciente de mulher, amante e mãe, que satisfaz e é satisfeita eternamente; Oxum projeta o animus do homem perfeito como marido, amante e companheiro ideal. Porém, como já seria previsto, as projeções são retiradas e o apaixonamento entre Xangô e Oxum se esvai.

Xangô continua suas viagens e suas aventuras. Em uma visita ao seu irmão Ogum, Xangô conhece a cunhada Oyá e imediatamente se apaixona por ela. De acordo com Pinter (2015), o amor entre esses dois orixás é baseado na complementaridade. Enquanto Xangô é a concretude representada pela rocha, Oyá é o ar da liberdade, permitindo a expansão desta concretude aos aspectos mais subjetivos. Já não acontece somente a projeção da idealização inconsciente, mas a ampliação da consciência do eu e do outro, permitindo a construção de um amor baseado na liberdade que Oyá representa.

Conclusão:

A forma como cada cônjuge vivencia a relação amorosa pode variar de acordo com sua história de vida e referencial psíquico, o qual é apoiado em aspectos arquetípicos. Entende-se que a conjugalidade colabora para o amadurecimento da personalidade, inclusive nos momentos de crise, quando

as expectativas dos parceiros são frustradas, pois é nesse momento que se abre um caminho para a transformação da relação e para a ampliação da consciência. Nos casos em que o indivíduo busca soluções mágicas, que se transformam em armadilhas nas quais se tenta alcançar um sonho perdido, ou provar que o outro é um traidor, podemos recorrer à bagagem arquetípica dos mitos. Este trabalho buscou apontar alguns aspectos dos relacionamentos amorosos, sobretudo no que diz respeito às transformações conjugais e individuais, que são arquetípicos e podem ser observados em alguns casais mitológicos. Neles podem ser observados caminhos que geram sofrimento, possibilitam o recolhimento de projeções e a ampliação do autoconhecimento.

Mini-Currículo dos Autores

Ana Paula Campos Marinho

Email: anapaula.camposmarinho@gmail.com

Psicóloga clínica; Graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2007). Mestranda em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos Junguianos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Atuando principalmente com as questões da mulher contemporânea na atualidade, atende adultos, adolescentes e casais.

Durval Luiz de Faria

Email: dl.faria@uol.com.br

Professor associado da PUC-SP, do curso de Psicologia da FACHS e do PEPG em Psicologia Clínica; Psicólogo e Analista junguiano pela Associação Junguiana do Brasil, coligada à IAAP (Zurich. Autor de O pai possível – conflitos da paternidade contemporânea (Educ/Fapesp, 2003) e coautor de: Os sonhos na psicologia junguiana (Paulus, 2014), bem como de artigos em revistas nacionais e internacionais. Palestrante.

Ísis Fabiana de Souza Oliveira

Email: isisoliveirapsi@hotmail.com

Psicóloga Clínica; Graduação em Psicologia pela Universidade Salvador-UNIFACS (2008). Especialização em Psicoterapia Junguiana (2011). Formação em Orientação Profissional e de Carreira (2013). Mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP

Leonardo Sardinha

Email: sardinha_147@hotmail.com

Psicólogo clínico; Mestrando no PEPG em Psicologia Clínica pela PUC-SP, no Núcleo de Estudos Junguianos (NEJ).

Luiz Fernando Gomes Corazza

Email: luizfgcorazza@hotmail.com

Psicólogo clínico; Professor-Supervisor. Graduação UE de Maringá. Pós-Graduação em Saúde Mental e Intervenção Psicológica – UEM; Pós-Graduação em Psicologia Junguiana – Instituto Prometheus; Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo de Estudos Junguianos) PUC/SP.

Patricia Cristina De Conti

Email: patriciabertaglia@gmail.com

Psicóloga clínica; Supervisora clínica e coordenadora de grupos de estudos em psicologia clínica. Especialização em Psicologia Junguiana (COGEAE-PUC/SP); Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica pelo PEPG em Psicologia Clínica (PUC/SP). Autora de livro e artigos.

Sílvia Regina Conti

Email: silvia.vocato@gmail.com

Psicóloga pela PUC-SP; Mestranda em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos Junguianos da PUC-SP; Especialista em psicologia hospitalar pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e com aprimoramento em psicoterapia junguiana com adultos pela PUC-SP. Atualmente dedica-se à psicoterapia de abordagem junguiana e à orientação vocacional e profissional.